



## A MAIOR ESCOLA PARA A VIDA

Quase tudo o que Lino sabe hoje foi o circo que lhe ensinou. Sem ensino superior, ele coleciona as mais diversas profissões. Diariamente, trabalha de artista de picadeiro a eletricitista e soldador

---

João Batista Alencar da Rocha, o Lino, aperta os olhos para protegê-los da claridade. São dez horas da manhã e ainda há muito trabalho a fazer sob o sol forte. A lona já foi desarmada, e é bem verdade que a maior parte do processo de mudança foi finalizado. Ainda assim, é preciso transportar parte da estrutura, acomodar tudo nos trailers e seguir em várias viagens do bairro José Walter, em Fortaleza, até Pacatuba, onde ele espera fazer uma boa praça depois de um mês de público reduzido na Capital. “Agora é que começa a aventura, de sair cortando caminho por dentro, porque não deu ainda pra emplacar esse trailer que a gente construiu há pouco tempo”, ele diz, enquanto abastece uma xícara de café.

---

“AGORA É QUE COMEÇA A AVENTURA, DE SAIR CORTANDO CAMINHO POR DENTRO, PORQUE NÃO DEU AINDA PRA EMLACAR ESSE TRAILER QUE A GENTE CONSTRUIU HÁ POUCO TEMPO”

LINO

---

“É com dificuldade que Lino tira o sustento do Circo Marlin há pouco mais de uma década. Solteiro, ele conta apenas com o irmão Alison e outros três amigos para levar ao público um espetáculo de uma hora – tempo bem menor que as quase três sustentadas por outros circos familiares no Ceará. “Dá medo não ter público. A gente fica ansioso”, confessa, entre um e outro gole de café.

Nascido no circo, Lino deixou as lonas carregado pela mãe quando ainda era bebê. “Minha mãe morava no bairro Aerolândia, aí se encantou com o circo e foi embora. Quando me teve, ela achou melhor deixar. Mas nasci no circo, sou tradicional”, orgulha-se.



Com dificuldade, Lino tira o sustento do Circo Marlin há pouco mais de uma década

Levado pela mãe, Lino se mudou para São Paulo, onde passou parte da infância. Quando completou seis anos, a família voltou para o Ceará, e o coincidente encontro com Garrafinha, palhaço com quem a mãe trabalhara, levou o menino de volta ao circo. Encantado pela arte, passava os dias úteis estudando para ganhar liberdade no picadeiro nos fins de semana.

Aos 12 anos, Lino foi morar no circo de vez. Era quando se perdia nos tantos afazeres circenses – lá ele era mágico, eletricista, soldador, pintor e vendedor – que encontrava sentido para a vida. “O circo é minha casa, minha vida. Inspiração grande. Rapaz, nesse mundo da gente, o circo ensina muita coisa. Eu tenho várias profissões dentro do circo. É uma faculdade em que você aprende de tudo na vida”, ele diz.

---

“RAPAZ, NESSE MUNDO DA GENTE, O CIRCO ENSINA MUITA COISA. EU TENHO VÁRIAS PROFISSÕES DENTRO DO CIRCO. É UMA FACULDADE EM QUE VOCÊ APRENDE DE TUDO NA VIDA”.

LINO

---

A paixão de Lino pela arte circense atraiu o irmão Alison. Mesmo sem a mãe, os dois seguiram estrada, se empregando em vários circos. Sem alarde, Lino começou a juntar economias para montar o próprio circo da família. “Tinha venda de pastel, de cachorro quente. Meu negócio era ganhar dinheiro”, conta. Ele fez uma conta bancária no nome de um amigo e, ali, ia depositando os trocados que ganhava semanalmente. Quando a quantia chegou a R\$ 400, comprou um pano de roda de 16 metros redondos (diâmetro).

Lino guardou o circo, enquanto arrumava um jeito de construir, ele mesmo, uma pequena coberta. “O pano de roda era o circo completo, mas sem a coberta. Quando terminei a lona, foi só marcar o dia e ir embora”, diz Lino. Ele deixou o circo no qual era empregado em uma segunda-feira, levando com ele dois casais de artistas.



Nascido no circo, Lino não conseguiu manter-se fora dele. Voltou para as lonas para consolidar-se como artista

A primeira montagem do circo de Lino foi feita em um terreno próximo à avenida Rogaciano Leite, no bairro Jardim das Oliveiras, em Fortaleza. O circo Marlin estreou no Sábado de Aleluia de 2002, com um som pequeno, seis números circenses e uma imensa vontade dos artistas. A propaganda foi feita horas antes, com uma moto velha que rodava com um pequeno som. “Quando foi anoitecendo, Deus foi iluminando e deu tudo certo. Daí pra cá, não paramos mais. Tem muita peleja e sofrimento no circo, mas é isso mesmo”, diz Lino, resignado.

## EXPEDIENTE

**Diretor-Editor:** Ildelfonso Rodrigues  
**Editora Executiva Digital:** Ívila Bessa  
**Editor de Área:** Dellano Rios  
**Editora assistente:** Adriana Martins  
**Repórter:** Beatriz Jucá  
**Concepção:** Dahiana Araújo e Beatriz Jucá  
**Revisão:** Eduardo Solon, Vânia Monte e Lúcia Coelho

**Editor da Unidade de Imagem:** Eduardo Queiroz  
**Fotografias:** Kid Júnior, Beatriz Jucá, Fabiane de Paula e Arquivo pessoal dos circenses  
**Vídeos:** Ítalo Ribeiro, Gabi Madeiro, Glênio Mesquita, Beatriz Jucá, Fabiane de Paula  
**Motorista:** Marcos Júnior

**Edição de arte e ilustrações:** Lincoln Souza  
**Projeto gráfico, webdesign e infografia:** Marina Mota  
**Front-end:** Gabriel Melo  
[caderno3@diariodonordeste.com.br](mailto:caderno3@diariodonordeste.com.br)



Diário do Nordeste